

de modo a caracterizar a comunidade como tal. Sabendo do trabalho desenvolvido pelo Matizes Dumont em outras comunidades, Neudes quis oportunizar, às mulheres de Capivari, uma oficina de bordado.

Essa oficina estava vinculada ao projeto “Apoio às atividades voltadas ao extrativismo de flores secas utilizadas no artesanato no Vale do Jequitinhonha”, o qual contava com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tinha, por finalidade, agregar a arte como ação transformadora para a sustentabilidade econômica e a geração de renda para as famílias daquela comunidade.

Para a professora Neudes, dentre os vários objetivos do projeto, o de “aliar a conservação das espécies coletadas extrativamente à geração de renda” era o que estava mais alinhado ao espírito da oficina. Isso, devido principalmente à proibição de coleta de espécies de sempre-vivas, entre outras atividades extrativistas como o garimpo de cristais e de diamantes; à existência, na região, de muitas unidades de conservação de proteção integral; e à crescente expansão de áreas de monoculturas, que reduziam, significativamente, os territórios de coleta.

Esses fatores, segundo Neudes, impactaram tanto nos aspectos socioeconômicos, considerando que a sobrevivência de muitas famílias dependia da coleta das flores, quanto na cultura local, já que a atividade de coleta de sempre-vivas remonta à década de 30, do século passado. “Por isso, associamos as nossas pesquisas a ações com possibilidade de gerar renda, incentivando, também, o cultivo das espécies”, disse-nos a pesquisadora.



BORDADO

Nós, bordadeiras do Matizes Dumont, ficamos imensamente curiosas para pesquisar a região onde seria realizada a oficina. Nesse processo, buscamos imagens na internet, tentando imaginar o que seria colocado nos tecidos: imagens de sempre-vivas; cachoeiras do Parque Estadual do Pico do Itambé; fotos antigas sobre a mineração, a procura por diamantes e ouro. A partir daí, começamos a pensar o desenho e o bordado que os tecidos receberiam.

ENCONTRO

COM O PASSADO

Na barra do dia, saímos de Pirapora, cidade mineira que nasceu na beira do rio São Francisco, onde temos o Armazém de Artes e Ofícios, no Instituto de Promoção Cultural Antônia Dumont (ICAD). O ICAD tem como objetivo a inclusão social pela arte do bordado. O grupo Matizes Dumont seguiu viagem rumo a Capivari, distrito do município do Serro. Foi uma mistura de emoção, ansiedade e curiosidade. Estávamos chegando próximo a um lugar de onde vieram nossos ancestrais.

Entrar no Vale do Jequitinhonha, andar pelas ruas do Serro, terra de nosso bisavô paterno, foi como se estivéssemos sendo bordadas pelas mãos das mulheres que nos precederam nesse ofício bordadeiro. Bordar e sermos bordadas pelo mistério que nos envolve, há muitas gerações, seria uma reverência aos que vieram antes de nós?

Nesse itinerário humano, místico e mágico, entre serras, casas antigas, imagem de Nossa Senhora da Conceição e sempre-vivas, fomos sendo pespontadas pelas histórias da família reencontrada: a memória acesa, na primamateria. Uma alquimia em nosso corpo e na alma inquieta. Como manter sempre-viva a flor da memória e da existência/sobrevivência?

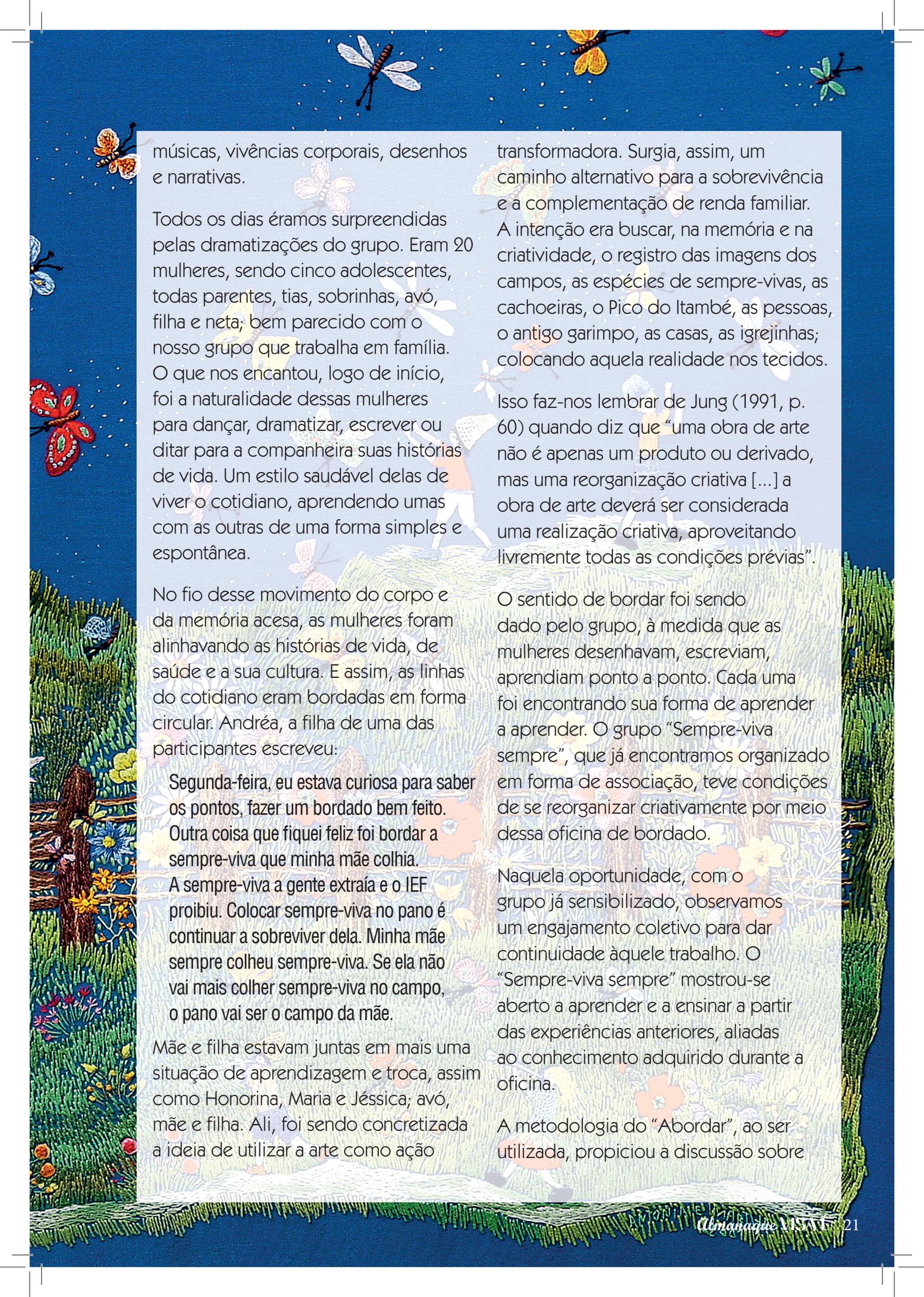
EM CAPIVARI

A cantar, as aprendizes de bordado nos receberam. A música tomava a forma de acolhimento.

Seja bem-vinda, bem-vindo seja olé lê lê oh!
Seja bem-vinda, bem-vindo seja olé lê lê ah!

Eu vou chamar as minhas companheiras,
vou abraçar as minhas companheiras...

Entramos naquela roda de mulheres e o nosso curso de bordado partiu das músicas. Cantamos, dançamos e nos abraçamos. Essa foi a maneira de vivenciar o bordado entremeando



músicas, vivências corporais, desenhos e narrativas.

Todos os dias éramos surpreendidas pelas dramatizações do grupo. Eram 20 mulheres, sendo cinco adolescentes, todas parentes, tias, sobrinhas, avó, filha e neta; bem parecido com o nosso grupo que trabalha em família. O que nos encantou, logo de início, foi a naturalidade dessas mulheres para dançar, dramatizar, escrever ou ditar para a companheira suas histórias de vida. Um estilo saudável delas de viver o cotidiano, aprendendo umas com as outras de uma forma simples e espontânea.

No fio desse movimento do corpo e da memória acesa, as mulheres foram alinhavando as histórias de vida, de saúde e a sua cultura. E assim, as linhas do cotidiano eram bordadas em forma circular. Andréa, a filha de uma das participantes escreveu:

Segunda-feira, eu estava curiosa para saber os pontos, fazer um bordado bem feito.

Outra coisa que fiquei feliz foi bordar a sempre-viva que minha mãe colhia.

A sempre-viva a gente extraía e o IEF proibiu. Colocar sempre-viva no pano é continuar a sobreviver dela. Minha mãe sempre colheu sempre-viva. Se ela não vai mais colher sempre-viva no campo, o pano vai ser o campo da mãe.

Mãe e filha estavam juntas em mais uma situação de aprendizagem e troca, assim como Honorina, Maria e Jéssica; avó, mãe e filha. Ali, foi sendo concretizada a ideia de utilizar a arte como ação

transformadora. Surgia, assim, um caminho alternativo para a sobrevivência e a complementação de renda familiar. A intenção era buscar, na memória e na criatividade, o registro das imagens dos campos, as espécies de sempre-vivas, as cachoeiras, o Pico do Itambé, as pessoas, o antigo garimpo, as casas, as igrejinhas; colocando aquela realidade nos tecidos.

Isso faz-nos lembrar de Jung (1991, p. 60) quando diz que “uma obra de arte não é apenas um produto ou derivado, mas uma reorganização criativa [...] a obra de arte deverá ser considerada uma realização criativa, aproveitando livremente todas as condições prévias”.

O sentido de bordar foi sendo dado pelo grupo, à medida que as mulheres desenhavam, escreviam, aprendiam ponto a ponto. Cada uma foi encontrando sua forma de aprender a aprender. O grupo “Sempre-viva sempre”, que já encontramos organizado em forma de associação, teve condições de se reorganizar criativamente por meio dessa oficina de bordado.

Naquela oportunidade, com o grupo já sensibilizado, observamos um engajamento coletivo para dar continuidade àquele trabalho. O “Sempre-viva sempre” mostrou-se aberto a aprender e a ensinar a partir das experiências anteriores, aliadas ao conhecimento adquirido durante a oficina.

A metodologia do “Abordar”, ao ser utilizada, propiciou a discussão sobre

o cuidado consigo mesmo e com o outro; e promoveu reflexões sobre a qualidade de vida, a relação entre saúde e meio ambiente e o bem-estar físico e psicológico.

Percebemos que há uma condição fundamental para a permanência e fortalecimento dessa associação: existe um potencial para a elaboração e o escoamento de produtos bordados, com fim de gerar emprego e aumentar a renda daquelas pessoas. A oficina surgiu de uma necessidade existencial, apresentando-se como alternativa para a situação problema-desafio (sobre a situação problema-desafio, vide Reis, 2000).

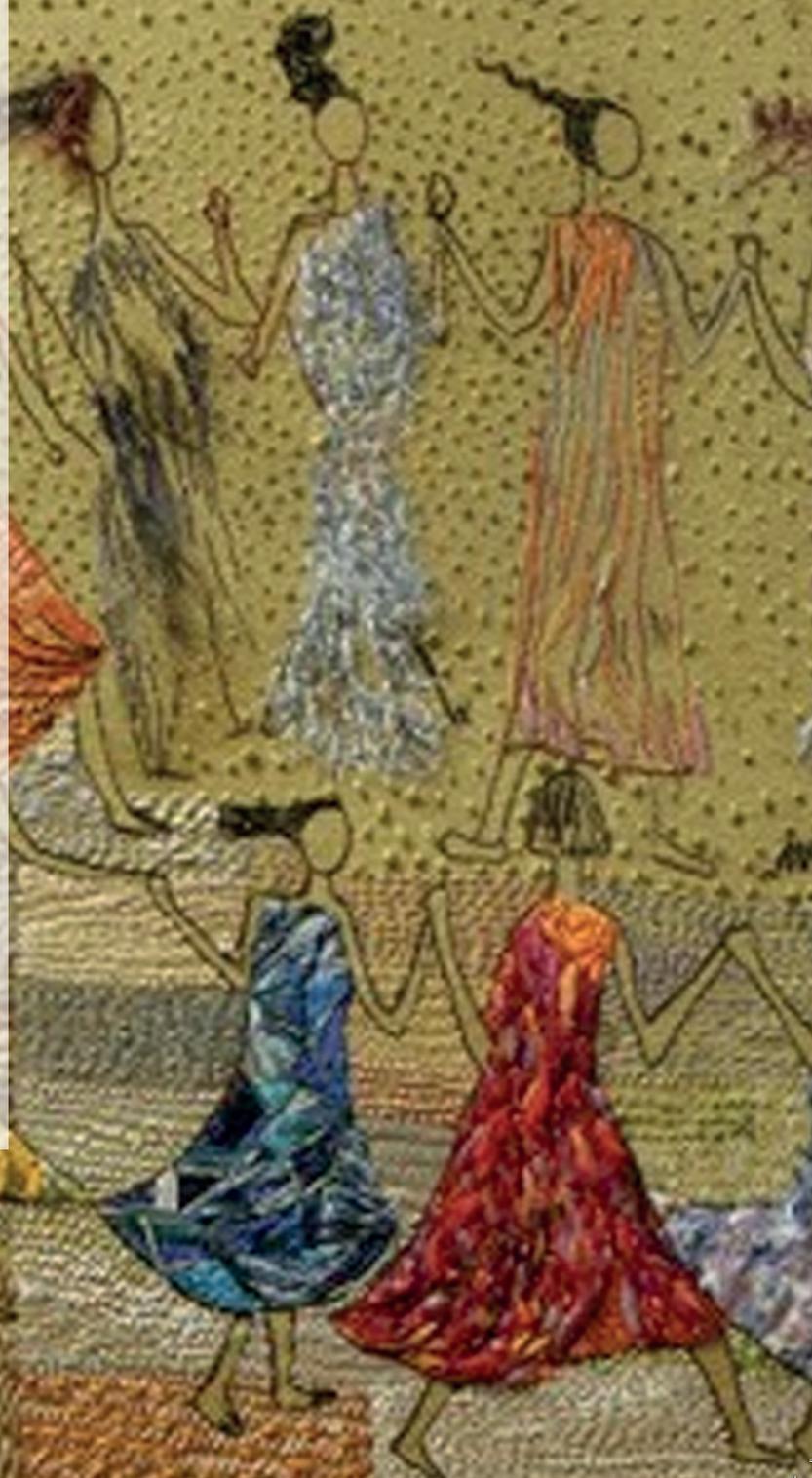
Pelas narrativas que ouvimos e registramos; sentimos e intuímos que essa possibilidade criativa – que é a arte de bordar – pode tomar uma forma libertadora e expressiva de vida nesse grupo de Capivari. Vivemos em Capivari manhãs e tardes bordadas com entrelaçamento de palavra/ação transformadora. Pelas próprias palavras das mulheres do grupo:

**Bordamos as flores do campo,
do fundo do coração.**

**Todas com alegria e saúde
e muita dedicação.**

**Falta trabalho e renda,
todos os dias fico a imaginar.**

**Com tanta paisagem linda,
no pano, vamos bordar.**



*"Um fio vem de cima e rola
Há um fio de linha
Na geração que caminha."*

(Marcos Noronha)

E como os fios estão e não estão em nossas mãos, voltamos pelos caminhos de Minas, sob a benção do Senhor Jesus da Boa Vida, padroeiro da comunidade de Capivari.

O bordado foi um instrumento utilizado sob a perspectiva da promoção da saúde. "Promover saúde é tocar nas diferentes dimensões humanas, é considerar a afetividade, a amorosidade, a capacidade criadora e a busca da felicidade como igualmente relevantes e indissociáveis" (Parreira, 2000). Segundo esta autora, a promoção da saúde "é vivencial e é colada ao sentido de viver e aos saberes acumulados, tanto pela ciência quanto pelas tradições culturais locais e universais."

Então, entendemos que a vida traz a possibilidade de aliar a nossa existência e sobrevivência à imaginação, de forma criativa e coletiva.

.....
Ângela Dumont é arte-educadora, pedagoga e bordadeira.

Maria Helena Diniz Teixeira é fisioterapeuta, especialista em Fisioterapia neurofuncional, arte-educadora e bordadeira.

REFERÊNCIAS:

JUNG, C G. O espírito na arte e na ciência. Ed. vozes, 1991.

PARREIRA, C. Contribuições da Psicologia para a constituição de novos campos de saberes e de práticas em promoção da saúde. Tese de doutorado. UnB, Brasília, 2002.

REIS, H. R. dos. A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos no Paranoá. Tese de doutorado. UnB, Brasília, 2000.



Saiba mais:

www.matizesbordadosdumont.com

LEÃO, R. M. Apreciação da obra de arte: a proposta triangular. Revista de Educação, CEAP, 2003.

BONAVENTURE, J. O que conta o conto? Ed. Paulos, 2003.

CELEBRIDADE

Gilda Arns

dedicação, trabalho e
conquistas sociais

1934-2010



Médica pediatra e sanitarista, Zilda Arns Neumann fundou e coordenou a Pastoral da Criança e a Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Pelo seu trabalho sempre pautado pela ação humanitária ela foi indicada pelo Brasil, por três vezes, ao Prêmio Nobel da Paz.

Zilda Arns nasceu em Forquilha, pequena cidade no interior de Santa Catarina, no dia 25 de agosto de 1934. Formou-se em medicina aos 25 anos e seguiu os caminhos da saúde pública. Casada com Aloysio Bruno Neumann, teve cinco filhos e dez netos.

A médica fundou a Pastoral da Criança, que teve início em um encontro entre Dom Paulo Evaristo Arns – arcebispo de São Paulo e o diretor executivo do Unicef, à época, James Grunt, em uma reunião pela paz mundial, realizada na Suíça, em 1982. Nessa ocasião, Grunt sugeriu que a Igreja Católica brasileira realizasse alguma ação para diminuir a mortalidade infantil no Brasil.

Dom Paulo, apoiado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), delegou a tarefa a sua irmã Zilda Arns que, em 1983, elegeu o município de Florestópolis, no Paraná, por ser um lugar que registrava um índice de mortalidade que chegava a 127 mortes a cada mil crianças nascidas vivas, para dar início ao projeto. Os resultados foram animadores, reduzindo a mortalidade infantil para 28, por mil, após um ano de atividades. O sucesso da iniciativa levou a Igreja Católica a expandir o projeto para todas as regiões do país.

Zilda coordenava a Pastoral da Criança com liderança e determinação. Por meio do acompanhamento de crianças e gestantes ajudou a diminuir a mortalidade infantil em todo o país. À frente da organização, promoveu o desenvolvimento integral das crianças pobres, desde a concepção até os seis anos de idade, em seu contexto familiar e comunitário.

A Pastoral da Criança está presente em todos os estados do Brasil. As ações preventivas de saúde, nutrição, educação e cidadania são realizadas por mais de 260 mil voluntários capacitados, pertencentes às comunidades localizadas em bolsões de pobreza e miséria de pequenos e médios municípios brasileiros, tanto no meio urbano quanto rural. Em função das crianças, tanto as famílias quanto as comunidades – sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político – são beneficiadas com a ação da Pastoral.

A Pastoral da Criança desenvolve ações de saúde, nutrição, educação, cidadania e espiritualidade nas comunidades pobres, por meio de um trabalho executado por voluntários e lideranças comunitárias. As atividades visam promover o desenvolvimento integral das crianças – desde a concepção (atividades com gestantes) até os seis anos de idade – e a melhoria da qualidade de vida das famílias.

Além do Brasil, a Pastoral da Criança já atinge outros vinte países: América Latina e Caribe (Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Peru, Venezuela, Guatemala, Panamá, República Dominicana, Haiti, Honduras, Costa Rica e México); África (Angola, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Moçambique) e Ásia (Filipinas e Timor-Leste).

A biografia de Zilda Arns é extensa e marcada por muitas realizações, todas de natureza social, com o objetivo de promover a saúde daqueles que pouco ou nada têm. A dedicação com que abraçou a causa, em favor principalmente das crianças, exigiu uma luta diária, com muita força, coragem e determinação. Aliás, traços sempre presentes na personalidade incansável e obstinada dessa médica que chegou a ser indicada, pelo Brasil, três vezes ao Prêmio Nobel, em reconhecimento ao trabalho humanitário ao qual ela dedicou várias décadas de sua vida.

“A paz é uma conquista coletiva. Tem lugar quando encorajamos as pessoas, quando promovemos os valores culturais e éticos, as atitudes e práticas do bem comum”.



Participou de diversos eventos internacionais. Da América Latina ao continente africano, Estados Unidos e Europa, Zilda Arns representou e divulgou a Pastoral. Acompanhou comitivas brasileiras, ministrou palestras e levou o nome e a proposta da instituição para muito além de nossas fronteiras. Estabeleceu parcerias e alianças, partilhando a experiência brasileira com outros países que sofrem com a desigualdade social.

A fundadora da Pastoral da Criança, durante sua vida, recebeu diversas menções especiais e foram-lhe conferidos títulos de cidadã honorária, condecorações e prêmios – nacionais e internacionais.

Em 2004, Zilda Arns fundou a Pastoral do Idoso que capacita voluntários locais para o auxílio às pessoas idosas na identificação de doenças físicas e emocionais, no controle de vacinas e para evitar acidentes domésticos. Em 2008, também com a sua presença, foi instituída, no Uruguai, a Pastoral da Criança Internacional.

Aos 75 anos, Zilda Arns, morreu vítima de um forte terremoto que assolou o Haiti, em 12 de janeiro de 2010, enquanto participava da Conferência dos Religiosos naquele país. Sua missão era participar desse evento e, também, motivar e mobilizar os líderes e voluntários da Pastoral da Criança do Haiti.

O trecho do texto, que deveria encerrar a palestra que Zilda Arns proferiria no Haiti, torna-se inspiração para todos que acreditam na transformação por meio de um trabalho de profundo respeito pelo próximo para a construção da paz. “A construção da paz começa no coração das pessoas e tem seu fundamento no amor, que tem suas raízes na gestação e na primeira infância e se transforma em fraternidade e responsabilidade social. A paz é uma conquista coletiva. Tem lugar quando encorajamos as pessoas, quando promovemos os valores culturais e éticos, as atitudes e práticas do bem comum”. Este é o legado que Zilda deixa para o Brasil e para o mundo.



Fontes consultadas:

<http://www.pastoraldacrianca.org.br/>

http://www.e-biografias.net/biografias/zilda_arns.php

http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_1464.html

<http://www.educacional.com.br>



Selo especial, em homenagem à doutora Zilda Arns Neumann, lançado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), no dia 25 de março de 2010, na Catedral Basílica Menor da Nossa Senhora da Luz, em Curitiba (PR). A tiragem foi de 600 mil exemplares, com valor facial de R\$1,45.



ORIGAMI

A arte de dobraduras em papel tomou no Japão o nome de ORIGAMI, mas sua origem é da China continental e deve remontar, talvez, à própria invenção do papel.

O papel, como folha acetinada e flexível, foi criado pelos chineses no século 2 a.C. e, mais tarde, levado pelos árabes para o Egito e depois para a Europa.

Antes do grande impulso que a invenção da imprensa deu ao fabrico do papel, no século 15 da nossa era, já os orientais o aplicavam em seu artesanato doméstico, na feitura de biombos, de lanternas, abajures, sombrinhas e dos inconfundíveis leques chineses.

Desenvolveu-se, assim, o uso do papel, dando a ele uma função como elemento de arte, no aprimorado artesanato doméstico oriental.

O artesanato doméstico sempre foi, e ainda é hoje, um imperativo na vida cotidiana chinesa e japonesa, e faz parte do currículo escolar no Japão.

Esse uso artístico do papel adestrou os chineses e deu condições de nascimento à nova delicada e engenhosa arte de criar figuras que, levadas ao Japão (no século 12, segundo

alguns autores) ali tomou o nome de ORIGAMI, de ORU – do verbo dobrar – e CAMI, papel.

Posta ao sabor da imaginação nipônica, desenvolveu-se e se sublimou, e hoje nos oferece, além do encantamento, a utilidade de uma bela terapia ocupacional.

A arte do ORIGAMI consiste em fazer-se uma figura, geralmente de animais, por meio de simples dobraduras, e alcança sempre mais valor quando não usa cortes ou cola.

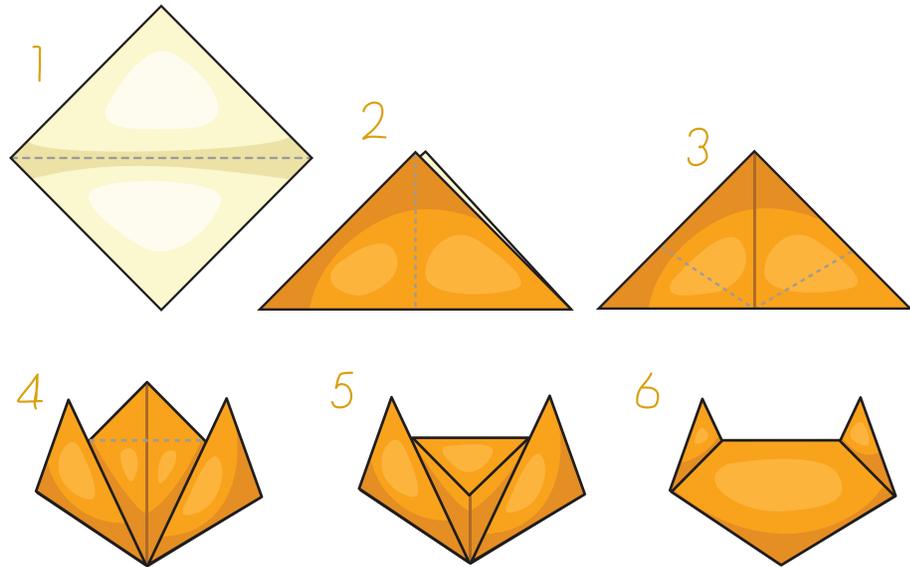
No Brasil, essa arte é pouco conhecida e pouco tem-se publicado sobre o assunto, aparecendo, às vezes, como simples curiosidade, num canto de jornal ou de revista, sem menção sequer de sua origem.

No entanto, no Japão, há numerosas publicações, algumas delas com mais de 300 páginas, fartamente ilustradas, ensinando essa arte tradicional, sendo que algumas já foram traduzidas para o inglês e espanhol e publicadas por editoras norte-americanas.

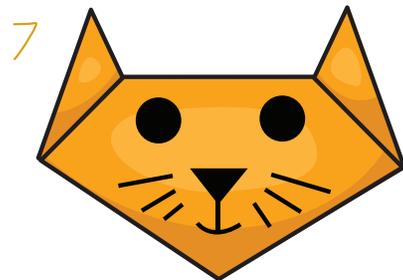
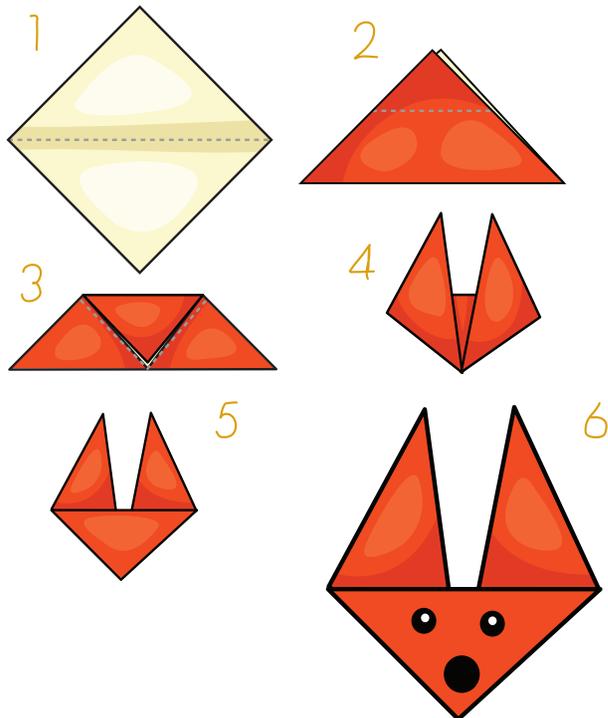
Fonte: Um pouco de história... Dário de Sá (org). Origami – A Arte Japonesa em Dobras de Papel. Ediouro: 1987

faça você mesmo

GATO



RAPOSA





A lenda dos Mil Tsurus* de Origami

Conta uma lenda, no Japão, que a pessoa que fizesse mil tsurus de origami teria um pedido atendido pelos deuses. Ninguém sabe como nem quando ela surgiu. Mas essa lenda ficou mundialmente conhecida com a triste história de uma garotinha chamada Sadako Sasaki.

Sadako nasceu em Hiroshima e tinha apenas dois anos de idade quando os americanos lançaram a bomba atômica sobre a cidade, no dia 6 de agosto de 1945. Ela vivia distante do epicentro da bomba e, juntamente com a mãe e o irmão, saiu ileso do ataque. Porém, consta que durante a fuga eles foram encharcados pela chuva negra (radioativa) que caiu sobre Hiroshima ao longo daquele dia fatídico.

Retomando suas vidas após o término da guerra, Sadako e sua família viviam normalmente. Ela era uma garota aparentemente saudável até completar 12 anos de idade. Em janeiro de 1955, durante uma aula de educação física, Sadako, que adorava corridas, sentiu-se mal, com tonturas. Os dias se passaram e novamente o mal-estar fez com que ela caísse no chão, sem sentidos. Socorrida e levada a um hospital, depois de alguns dias surgiram marcas escuras em seu corpo e o diagnóstico foi de leucemia, doença que já estava matando outras crianças expostas aos efeitos da bomba. Na época, a leucemia era

até chamada de “doença da bomba atômica”. Sadako foi internada em fevereiro de 1955, recebendo a previsão de sobrevivência de apenas um ano.

Em agosto daquele mesmo ano sua melhor amiga, Chizuko Hamamoto, foi visitá-la no hospital. Chizuko fez uma dobradura de tsuru e presenteou Sadako, contando-lhe a lenda dos mil tsurus de origami.

Sadako decidiu fazer os mil tsurus, desejando a sua recuperação. Mas a doença avançava rapidamente e Sadako, cada vez mais debilitada, prosseguia dobrando lentamente os pássaros, sem mostrar-se zangada e sem entregar-se.

Em dado momento Sadako compreendeu que sua doença era fruto da guerra e, mais do que desejar apenas a sua própria cura, ela desejou a paz para toda a humanidade, para que nenhuma criança mais sofresse pelas guerras. Ela disse sobre os tsurus: “Eu escreverei PAZ em suas asas e você voará o mundo inteiro”.

Por fim, na manhã de 25 de outubro de 1955, Sadako montou seu último tsuru e faleceu, amparada por sua família. Ela não conseguira completar

os mil origamis, fizera 644. Mas seu exemplo tocou profundamente seus colegas de classe e estes dobraram os tsurus que faltavam para que fossem enterrados com ela.



* Tsuru é uma ave, espécie da família dos grous (cegonhas), nativa do Japão.

Tristes e sensibilizados, os colegas decidiram fazer algo por Sadako e por tantas outras crianças. Formaram uma associação e iniciaram uma campanha para construir um monumento em memória à Sadako e a todas as crianças mortas e feridas pela guerra. Com doações de alunos de mais de três mil escolas japonesas e de mais nove países, em 1958 foi erguido o MONUMENTO DAS CRIANÇAS À PAZ, também conhecido como Torre dos Tsurus, no Parque da Paz, em Hiroshima.

O monumento de granito simboliza o Monte Horai, local mitológico, onde os orientais acreditam que vivem os espíritos. No topo do monte está a jovem Sadako, segurando um tsuru em seus braços estendidos. Na base do monumento estão gravadas as seguintes palavras:

**“Este é nosso grito,
Esta é nossa oração:
PAZ NO MUNDO”.**

Todos os anos, milhares e milhares de tsurus de papel colorido são enviados de toda parte do Japão e do mundo, num gesto de carinho que demonstra também a preocupação das crianças e o poder delas em trabalhar por uma causa justa.

Certamente foi doloroso para Sadako aceitar a própria morte com apenas 12 anos de idade, mas deixou um exemplo para a posteridade, num gesto poderoso de devoção e amor ao próximo.

Que as crianças do mundo todo desejem pacificamente o mesmo que Sadako: um mundo melhor, sem guerras.

Texto transcrito de: <http://www.asiamundi.com.br>



Fontes consultadas:

www.nte-jgs.rct-sc.br www.en.wikipedia.org

www.wiki.answers.com

ESPERANÇA E PAZ PELAS MÃOS DE PEQUENOS ARTISTAS

Crianças da creche e orfanato, Sagrada Face de Jesus Cristo, de Luziânia, Goiás, cidade distante cerca de uma hora de Brasília, fizeram mil pássaros de origami para homenagear o ministro do Japão.

A matéria **Aprendendo a voar** foi publicada em março de 2010, no jornal Correio Braziliense, de Brasília. Contou a jornalista que 21 meninos e meninas da instituição – que abriga 43 crianças – se dedicaram, durante quatro meses, à confecção de mil tsurus de todas as cores. O ministro japonês se comprometeu em levar os tsurus ao Japão para colocá-los no Monumento das Crianças à Paz.

A lenda japonesa, sem dúvida, levou promessas de um mundo melhor à instituição cuidada pelo padre Geraldo da Silva Bueno.

Saiba mais

Mara Puljiz. **Aprendendo a voar**. Correio Braziliense: Cidades, página 46. Brasília, quinta-feira, 18 de março de 2010.

CRÔNICA

Não me diga que ainda não é Páscoa



Alexandra Rodrigues é escritora e colaboradora do Almanaque **VISA É**

Acordei hoje com um fiozinho de vontade de antecipar a Páscoa. Não aquela dos ovos pendurados no teto do supermercado em apetitosos cachos de chocolate. Nem tão pouco a do Cristo ensanguentado preso dentro das igrejas decoradas de lágrima e silêncio. Nada disso. O fio de ternura que escorre hoje dentro de mim pede-me um cântico de aleluia que corra solto pelos verdes campos da alma. Pede-me que desate o nó que prende o sectarismo ao preconceito religioso e que me entregue, sem rótulo, à transcendência. Que reverencie a vida ao conviver com o meu dessemelhante no altar do cotidiano.

Esse fio de ternura que insiste em costurar o dia de hoje pede-me que desenjaule os deuses dos altares em que foram confinados. E que me ajoelhe diante do sagrado que é a vida à minha volta, feita de gente e de todas as coisas vivas. Pede-me que revise as mitologias, que escute os mestres de todas as culturas, aqueles que se identificam com as forças do Cosmos. E que sopram sabedoria ao ouvido da nossa interioridade. Esses que, mais do que pastores, são barqueiros.

Entre no barco - diz-me a voz da Ternura – deixe-se conduzir pela Vida sem medos ou ressentimentos. Não se deixe morrer de tantas mortes. Não se deixe morrer da morte do amor, da morte da confiança, da morte da sabedoria.

O que verdadeiramente temo não é essa morte que encerra a nossa passagem, mas a que jaz dentro de nós enquanto estamos vivos. Aquela que nos rouba a alma. A que enterramos no cemitério do eu quando nos tornamos desconfiados, cínicos, distantes, previsíveis, quando a vida deixa de ser um passeio aventureiro de coração aberto e se torna uma excursão com roteiro fechado aos lugares de sempre.

Sabe, o que eu queria mesmo era brincar de morrer e ressuscitar todos os dias como criança sapeca que se esconde e inesperadamente reaparece com uma risada, que brinca de vivo-morto, que vive a ressurreição como uma força tremendamente lúdica que restaura a vitalidade. *Veja, sou eu mesma, vá, ponha a sua mão no meu peito, sentiu? Essa é a cicatriz de quando brincamos de espada e a sua acertou em cheio no meu peito. Vamos brincar de novo? Eu caio no chão e finjo de morrer, depois você me dá a sua mão e cuida do meu machucado. E eu vivo de novo e continuamos o jogo de morrer-viver.*

É essa ressurreição que me move e comove.

Não me diga que pregaram nossas dores na cruz. Não me diga que derrubaram árvores para construir templos. Não me diga que é dentro deles que preciso rezar pela vida. Sabe, eu preciso mesmo é de reflorestamento interno, de me deixar penetrar pelo mistério das coisas, de escutar o coral das vozes do mundo cantando aleluia na vastidão do dia.

Por favor, não me diga que ainda não é Páscoa.

VOCÊ SABIA...

A stylized, high-contrast illustration of a woman's face in profile, facing right. The face is rendered in a light yellow color with thick black outlines for the eyes, nose, and lips. The lips are a vibrant red. The background is a solid red color with a pattern of white polka dots. The overall style is graphic and modern.

Que a Anvisa intensificou a fiscalização em farmácias e drogarias, em todo o Brasil, para combater o comércio de medicamentos falsificados?

A campanha "Medicamento Verdadeiro" lançada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em 2010, em Brasília, serviu para orientar a população sobre os riscos do consumo de medicamentos falsificados. As ações de fiscalização têm sido realizadas em conjunto com a Polícia Federal e com as vigilâncias sanitárias locais. Somente em 2008 foram apreendidas 40 toneladas de produtos irregulares, entre medicamentos falsificados, sem registro e contrabandeados. Já em 2009, com o aumento da repressão, o volume apreendido foi de 333 toneladas. Há mais de 15 anos o problema estava restrito a vendedores ambulantes. Atualmente, essa prática que vem sendo severamente combatida, já pode ser identificada até mesmo em farmácias e drogarias regulares.

Que todo o cidadão pode colaborar com a Anvisa participando das consultas e audiências públicas, esclarecendo suas dúvidas pelo 0800 da Agência ou fazendo denúncias por meio da página da Ouvidoria?

O acesso ao canal de comunicação é direto e gratuito. E você pode falar de qualquer estado do Brasil. Ligue para **0800 642 9782**. O horário de funcionamento é das 7h30 às 19h30 de segunda à sexta-feira, exceto feriados. Por esse número você poderá realizar denúncias, obter informações sobre produtos sujeitos à vigilância sanitária (cosméticos, alimentos, medicamentos etc.), orientações aos viajantes e conferir o andamento de processos.

Solicite informações à Anvisa de forma ágil e fácil. Basta preencher o formulário do Fale Conosco. As respostas serão fornecidas por e-mail em até 15 dias úteis. Correio Eletrônico: ouvidoria@anvisa.gov.br



Correspondências:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)
SIA Trecho 5 Área Especial 57, Lote 200, Bloco D, 1º Subsolo
CEP: 71205-050
Brasília - DF

Que a doação voluntária de sangue é um objetivo de extrema importância para se alcançar “Sangue com Qualidade”?

“**Doe sangue. Doe vida**”. Este é o slogan da campanha sobre doação de sangue do Ministério da Saúde. A campanha, assim como a promoção do Dia da Doação Voluntária, em 25 de novembro, tem o objetivo de conscientizar a população sobre a importância de doar sangue (pelo menos duas vezes ao ano) de forma fidelizada e responsável.

Quando for doar sangue lembre-se de responder corretamente às perguntas durante a entrevista.

O sangue seguro começa com o doador de sangue.



Saiba mais:

<http://portal.anvisa.gov.br>

BORDADO DEIAS

O TRABALHO DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL E DE SAÚDE PÚBLICA

“A arte não tem uma única função, mas, basicamente ela faz parte da construção do mundo imaginário de que o homem necessita pra viver, pra existir, pra construir a sua vida.” Ferreira Gullar



Marilu Dumont

Marilu Dumont, psicóloga, sanitarista, especialista em Gestão de Recursos Humanos para o Sistema Único de Saúde, atua há mais de 20 anos na área da saúde pública. Ela nos fala sobre um trabalho pioneiro e inovador no contexto da saúde: a construção de uma nova visão em vigilância sanitária por meio da arte do bordado.

Para a educadora, bordar é também uma forma de interação e de participação política nos destinos de uma comunidade. “Pelos linhas do bordado, a pessoa marca sua presença na história, toma posse da história que deseja, planeja intervenções conscientes, pessoais e de grupo”, afirma.

Nesta entrevista, Marilu conta como a **bordação** pode impactar na melhoria das condições de trabalho, vida e saúde das comunidades que participam da proposta, apostando na criatividade.